

TÉRCIA MONTENEGRO

Em plena luz



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Tércia Montenegro Lemos

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigência no Brasil em 2009.

Capa

Tereza Bettinardi

Foto de capa

Geraldo de Barros

Preparação

Adriane Piscitelli

Revisão

Valquíria Della Pozza

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montenegro, Tércia

Em plena luz / Tércia Montenegro. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2019.

ISBN 978-85-359-3265-2

1. Ficção brasileira I. Título.

19-27903

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Aos que vivem sob o sol

Sumário

O CLARO, 9

O QUENTE, 57

O LEVE, 107

O CLARO

1.

Tanta sujeira.

Não posso me impedir de ouvir a voz dele aqui dentro, como se fosse o diabinho da memória. Criticando. Com horror à desordem.

Depois que voltei da viagem, multiplicam-se essas figuras compridas no meu quarto. E sei o que Étienne diria ao me ver com as mãos imundas de argila, o cabelo em tiras grudando no rosto. Talvez ficasse com medo, olhos arregalados como naquela vez em que parou diante da mendiga na Rue de Chaillot, uma velha escurecida, sentada em sacos de roupa. Precisei puxá-lo de lá para que caminhasse, e ainda assim ele demorou para se libertar do feitiço.

Se os físicos têm razão a respeito da constância do tempo, da nossa realização eterna em vários níveis de possibilidade, em alguma dessas faixas invisíveis permaneço lá, com ele. Ando pelo Trocadéro tentando distraí-lo, para que não siga o homem negro que cuspiu no chão nem se imponha fulminante diante do grupo de chineses que domina a calçada. Algo em mim continua às

voltas com isso, embora eu — agora em minha própria cidade — queira manter distância de léguas.

Vou continuar esculpindo até achar o poder hipnótico, a força com que os primitivos da caverna talhavam seus bisões. Quero um encantamento para dominar os animais de peçonha, tocar neles e compreendê-los. Passo as tardes escondendo a pele com substâncias gosmentas — o suor também faz parte disso. Aos poucos, os gestos se transformam num tipo de respiração, as manobras para compor as figuras são tão naturais quanto um fôlego. Então penso nos pés, no bom que seria se experimentasse modelar com eles.

A primeira tentativa fracassa; destruí com o dedão a ponta da estatueta e reduzi a uma gosma cada nervura que tinha trabalhado com a espátula. Mas gostei de me levantar bem suja, deixando marcas no piso: círculos manchados, respingos que se espalham na camiseta, nos shorts, provavelmente até nas orelhas, a julgar pelo espanto que provoço, quando atendo a campainha e abro a porta.

O jornalista fica embaraçado com meu desleixo, afinal combinamos um horário, e o tema da conversa não tem nada a ver com arte. Ele ouviu por uma amiga de um conhecido que eu estava em Paris na época dos atentados. Pretende retomar os fatos dois meses depois, com o testemunho de uma, como ele chama, “sobrevivente”. Por telefone, expliquei que no dia do massacre eu andava fora da capital francesa — portanto, não podia dizer nada além da experiência de um pesadelo longínquo, o choque e as dúvidas dentro do clima paranoico. Ele respondeu que ótimo; o objetivo era somente uma reportagem sobre quem frequentava a região e pudesse ter estado lá quando tudo aconteceu.

Eu poderia continuar argumentando contra essa proposta, mas Caio tinha uma bela voz e — agora diante de mim — olhos que sorriam apertados, enquanto eu lhe dizia que ficasse à von-

tade; precisava de cinco minutos para tomar um banho e me arrumar. Saio apressada da sala, sem o cuidado de puxar a cortina que isola o espaço do miniateliê. Dou conta do esquecimento somente quando retorno.

“Vamos a um café?”, pergunto, e Caio se vira num susto. Estava debruçado sobre algumas esculturas, e o modo como ajeita a gola da camisa passa um informe telepático. Sei que me observa agudamente, buscando me classificar. Procura um rótulo para essa mulher enfim limpa, dentro de um vestido — essa mulher que atravessa a sala para abrir de novo a porta enquanto ele hesita. Mas isso dura um segundo; Caio logo recupera a aparência profissional e me acompanha.

2.

Eu, que fui a Paris por causa da arte, encontrei o ódio — o de Étienne contra imigrantes, negros, árabes, chineses. Quando vieram os terroristas, eu já havia escapado.

Caminhar pelas ruas de Fortaleza me põe numa exaltada sensação de liberdade. E também me sinto confortável andando com um homem que não se pretende artista nem gênio. Caio tem uma fisionomia calma, e é um repouso estar ao seu lado, nessa inocência em que vamos os dois, porque (enquanto ele não me conhece) posso esquecer um pouco quem sou. O mistério me faz sentir um tipo de sobressalto leve, como quando estamos prestes a tocar uma superfície que pode ser fria ou quente. Tudo será surpresa. Depois, em retrospecto, confirmaremos indícios, pistas que trazíamos; mas é o instante prévio que me interessa. Tenho um líquido à frente: pela sua aparência, não sei se é viscoso ou macio, morno ou gélido. Qualquer resultado me preenche a dúvida, entretanto é a dúvida que me atrai e me faz demorar os dedos antes de afundá-los no balde.

Se Caio perguntasse sobre mim, eu teria por um segundo a

expectativa do desconhecido, exatamente como se eu perguntasse por ele.

Seguimos calados, porém. Temos um líquido à nossa frente.

Não me lembro de um janeiro tão chuvoso. Quando saímos do apartamento espiei pela janela e vi no céu um cinza promissor, mas calculava que teríamos chance de alcançar o café. Um toldo de lanchonete nos salvou da tempestade. Ficamos ali por um tempo. Um suco de acerola, as cadeiras de plástico vermelhas. O silêncio não incomoda; é como se pudéssemos gastar horas em contemplação.

A garçonete pensa que somos um casal ruminando uma briga recente. Desvia os olhos quando a encaro, mas continua no seu posto, recebendo os respingos que ricocheteiam na calçada. Não há outros fregueses, somos a única atração.

As pernas molhadas da garçonete me dão frio, e procuro na bolsa uma *legging*. É incrível o que carrego por prevenção ou simples fetiche: colares e amuletos, cadernetas, búzios, álcool em gel, pastilhas, um porta-níqueis com centavos de euro e reais, misturados de propósito para me confundir a cada vez que preciso de moedas. Embora não haja um guarda-chuva, encontro a *legging* e começo a subi-la pelos tornozelos. Caio repara no meu gesto, tenta disfarçar e dispara a falar sobre o clima. Isso esclarece a garçonete sobre nosso ânimo: não estamos brigados, afinal — e ela imediatamente se enfada, sai em direção à cozinha.

É curioso como vestir-se pode ser tão excitante quanto tirar a roupa. De repente o pano desliza, eriça os pelos do braço, dilata os poros. Étienne usava uma blusa de lã alternadamente macia e encaroçada. A trama se construía no contraste, parecendo expandir com o halo de fios encrespando as bordas. Eu o olhava sentado à minha frente, e dos ombros até os punhos ele era uma silhueta em riscado nervoso. Pescoço e cabeça, ao contrário, nasciam no traço cheio, seguro, da carne.

Caio me observou da mesma forma atenta. Embora tenha voltado o rosto para a rua, sei que enquanto fala está seguindo o que faço. Acompanha meu processo de esticar a malha, colá-la às panturrilhas. Vigia discretamente o modo como prossigo, puxando a legging para cima, pelas coxas, e a maneira com que me levanto a fim de subi-la pelos quadris, por baixo do vestido. Nesse instante Caio virou completamente o rosto, mas na fração de minuto seguinte ele me encara:

“E Paris?”

“Vou te contar tudo”, digo, “até o que parece inadequado.”

3.

Doze dias na capital francesa seriam um investimento de salvação. Uma viagem como alternativa para o desespero: quero resumir assim.

Quando falo do extremo a que cheguei, você pode supor que exagero — mas a minha condição era essa, de um embotamento insuportável. Eu tinha experimentado uma entrega completa, para ver se aquilo passava. No entanto, nada aconteceu, além da minha exaustão (e uma dor bem forte, por baixo do embotamento).

Parece que o sofrimento é uma espécie de animal preparando o salto. Ele ainda me ronda, está aqui e lá, como uma reverberação, e se deixar ele cresce, cresce até virar um tumulto, barulho de pratos, louça espatifando-se, motores ligados, sirenes, explosões. O sofrimento é essa trouxa sonora que desaba se me aquieto. É preciso se proteger.

Então a viagem foi motivada pela fuga. Depois do Zeno, enfiei pessoas e acontecimentos dentro de um grande saco pessimista. Como qualquer homem comum, ele caiu no óbvio; eu

me senti tão estúpida que entrei em colapso. O meu emprego foi junto. Mas não é o momento de contar os detalhes. Basta dizer que quebrei as regras que sempre segui, relativas a autocontrole e organização. Como estava sem amarras e também sem teto, decidi aproveitar a primeira circunstância antes de pensar na segunda. Deixei as malas na casa de uma amiga, que me prometeu procurar um apartamento de aluguel, enquanto eu já gastava minhas economias com a passagem de avião.

Viajei sem saber o que faria. Não havia planos, somente uma aposta com o acaso. O começo? Ah, o começo é atordoante. Mesmo se a gente fala de doze dias. Em viagem o tempo acompanha o incomum do espaço; há fenômenos de percepção que dentro da rotina jamais acontecem. Étienne poderia explicar melhor, talvez. Alguma equação deve resumir o grau de probabilidade dos encontros fortuitos — e repetidos — numa cidade com milhões de pessoas. Para mim, só interessa o que se concretizou: o desnorтеio por avenidas e museus, com a sensação desde o primeiro minuto de que ali se achava o meu ponto de virada.

A limpeza da mente se tornava uma coisa fácil. Bastava entrar numa cápsula e jogar o próprio corpo a uma distância de sete mil quilômetros. Outra língua, rostos desconhecidos, história e paisagem que em nada participavam da minha rotina. Nenhum pensamento resistia a essa demonstração filosófica: tudo poderia ter sido — ou seria — diferente.

Eu me deixava levar pelas vontades. Abria o jornal logo cedo, no café da manhã do hostel, e escolhia exposições ou percursos de passeio. Saía com caderneta e câmera, porque a ideia de uma pesquisa parecia justificar as perambulações. Mas não somente fingia estar ali com um propósito: eu de fato buscava um rumo. Meu ofício de fotógrafa nunca me trouxe realização; eu era mais uma burocrata das imagens, trabalhando em eventos sociais, caindo em repetições técnicas.

Enquanto fotografava noivas e bebês, desistia dos experimentos que gostaria de fazer. Alguns eram ultrapassados, como as colagens surrealistas, por exemplo, ou a solarização do Man Ray — mas por que eu não poderia testar? Pensando nesse último, em certo instante da viagem lembrei uma série de modelos matemáticos que ele havia registrado, acho que na década de 1930. Uma pesquisa na internet me esclareceu que os objetos, esculturas feitas para provar — ou materializar — cálculos complexos, continuavam expostos no Institut Henri Poincaré. E foi desse jeito que, na manhã do meu segundo dia em Paris, saí disposta a encontrar aquelas peças.

O hostel ficava nas proximidades do Museu de Cluny. Com um mapa, tentei me guiar até a Rue Pierre et Marie Curie, mas, pela característica que me predispõe às confusões geográficas, andei em círculos, passando repetidamente diante de um parque onde ouvia crianças aos gritos nos escorregadores e balanços por trás de espessas folhagens. Dali saiu um homem, sozinho e com o andar apressado de quem carrega documentos importantes. Mesmo temendo uma grosseria em resposta por importuná-lo, arrisquei pedir informação.

“Pierre et Marie Curie?”, ele perguntou, as sobrancelhas se arqueando — e, em seguida, um sorriso: ia justamente para lá. Se eu quisesse, poderia segui-lo.

Assim tudo começou. Étienne era matemático, trabalhava com o famoso Cédric Villani. Como seria possível que eu não o conhecesse? Qual o meu interesse, então, pelo instituto? Eu tentava eleger uma resposta que parecesse mais sensata do que a escolha intuitiva pelos objetos fotografados por Man Ray.

“Sou escultora”, falei. E foi de improviso, porque na época eu não esculpia nada. Mas evitei me definir como fotógrafa, profissão que associava ao meu passado.

Chegamos ao instituto em pouco tempo, mas durante toda

a caminhada Étienne falou sem parar, e eu tinha a impressão de que havíamos marchado por pelo menos uma hora. Quando nos despedimos, em frente à escada que se abria para um interior cinzento, eu estava — admito — impressionada com aquele homenzinho vibrante, em nada parecido à ideia que eu fazia de um matemático.

Depois, quando tornei a encontrá-lo e soube mais detalhes da personalidade do seu chefe, suspeitei que Étienne imitasse a maneira efusiva com que Cédric costumava se apresentar. Ou o entusiasmo seria uma semelhança autêntica, o elemento que os aproximava. Mas isso não significava que Étienne também não fosse recluso; a expansão até favorecia o modo como ele se colocava à parte. Os gestos enfáticos, as palavras, os gritos — tudo iria me revelar certa ânsia de se excluir do resto social.

Na hora em que contemplei os modelos na vitrine do instituto, não sabia de nada disso, nem esperava topar de novo com o desconhecido que tinha apenas me dado uma informação. Concentrei-me nos objetos. Vários pareciam ampulhetas; outros eram miniaturas de estradas futuristas. Fios brancos e vermelhos se cruzando, pequenas contas espaçadas como numa pulseira, tensão e elegância: feito alguém que se espreguiça, se estica, a malha das circunvoluções sustentava delicadas geringonças.

Havia obras que lembravam instrumentos de navegação — e algumas, curvas de uma paisagem de Magritte ou De Chirico. Sobretudo uma em especial: certa espécie de minhoca retorcida, de madeira, com as duas extremidades vermelhas; a primeira, bem inchada, parecendo uma glândula. Tive um arrepio. Acho que ali começou o meu projeto para as esculturas. Eu descobria uma matemática sensual, com suas espirais previstas, suas elipsoides desenhadas em ovos de mármore, paraboloides elípticas e hiperbólicas. Além disso, a série de objetos com buracos, túneis ou orifícios parecia tremendamente erótica. Devo ter gasto duas

horas naquela sala absurda onde o silêncio pairava, apesar da presença de estudantes e pesquisadores curvados sobre as mesas. Todos ignoravam a tensão orgânica dos modelos nas vitrines; era como se dentro de uma igreja houvesse redomas guardando genitálias — e as pessoas rezassem, habituadas.

Antes de terminar a visita, peguei cartões com as fotos do Man Ray. Nem perguntei se eram gratuitos; estava exausta e simplesmente escolhi um postal de cada imagem no expositor ao lado de uma estante com livros sobre Duchamp, Ernst, um compêndio sobre De Stijl e o *Dictionnaire de l'objet surréaliste*.